

SESSION 2024

**CAPES
CONCOURS EXTERNE**

**SECTION LANGUES VIVANTES ÉTRANGÈRES :
PORTUGAIS**

ÉPREUVE ÉCRITE DISCIPLINAIRE

Durée : 6 heures

L'usage de tout ouvrage de référence, de tout dictionnaire et de tout matériel électronique (y compris la calculatrice) est rigoureusement interdit.

Il appartient au candidat de vérifier qu'il a reçu un sujet complet et correspondant à l'épreuve à laquelle il se présente.

Si vous repérez ce qui vous semble être une erreur d'énoncé, vous devez le signaler très lisiblement sur votre copie, en proposer la correction et poursuivre l'épreuve en conséquence. De même, si cela vous conduit à formuler une ou plusieurs hypothèses, vous devez la (ou les) mentionner explicitement.

NB : Conformément au principe d'anonymat, votre copie ne doit comporter aucun signe distinctif, tel que nom, signature, origine, etc. Si le travail qui vous est demandé consiste notamment en la rédaction d'un projet ou d'une note, vous devrez impérativement vous abstenir de la signer ou de l'identifier. Le fait de rendre une copie blanche est éliminatoire.

Tournez la page S.V.P.

A

INFORMATION AUX CANDIDATS

Vous trouverez ci-après les codes nécessaires vous permettant de compléter les rubriques figurant en en-tête de votre copie.

Ces codes doivent être reportés sur chacune des copies que vous remettrez.

► **Concours externe du CAPES de l'enseignement public :**

Concours	Section/option	Epreuve	Matière
E B E	0 4 3 3 E	1 0 1	9 3 1 1

A/ COMPOSITION EN LANGUE ÉTRANGÈRE**AXE : Voyages et migrations**

À partir de l'axe indiqué, vous proposerez une problématique en vous fondant sur l'analyse et la mise en résonance des documents ci-dessous. Vous rendrez compte de votre réflexion en une composition structurée en langue portugaise.

B/ TRADUCTION

Vous traduirez en français le document 3 dans son intégralité.

Documento 1

A viagem de Ngunga com o comandante Mavinga durou quatro dias. Podia ser feita em dois, mas o comandante parava em todos os kimbos. Reunia o povo, discutia com ele sobre a guerra e as tarefas a realizar. Em toda parte eram bem recebidos. A fama de Mavinga corria pelos povos, os seus sucessos militares eram todos conhecidos.

5 Ngunga aproveitava da maneira como era recebido o comandante. Tinha o direito de ficar sempre perto de Mavinga, que o apresentava assim:

– Este é o Ngunga, um rapaz corajoso que quer conhecer o Mundo. Veio de longe, sozinho. O amigo dele era o camarada Nossa Luta, que vocês devem conhecer. Quer ser guerrilheiro, mas resolvi metê-lo na escola. Como nunca está preparado, vocês ainda vão
10 ouvir falar dele.

As crianças rodeavam Ngunga. Olhavam-no com respeito, pois ele andava com o comandante Mavinga.

– Já combateste? – perguntava um.

– Como é a Zâmbia? – perguntava outro.

15 – Lá, donde saíste, há muitos carros? – perguntava ainda outro.

Ngunga sentia-se importante com o interesse das crianças. Outro qualquer aproveitaria para mentir, para contar histórias em que fosse um herói. Não Ngunga. A vida ensinara-lhe a modéstia. Aquilo que ele conhecia era ainda tão pouco! Havia sempre

alguém que lhe ensinava qualquer coisa. Se ele não tinha medo da noite e por isso diziam
20 que era corajoso, havia outros que não tinham medo de injeções, por exemplo. O pequeno
Ngunga sabia do que era capaz e do que não era capaz. E sabia também que não era capaz
de fazer muitas coisas. Por isso não era vaidoso.

Respondia simplesmente às perguntas dos novos amigos. Não, ainda não tinha
combatido. Uma vez, os tugas atacaram o kimbo onde estava, e ele fugiu com os outros.
25 Outra vez, no rio, apareceu o inimigo. Ele escondeu-se no capim da margem. Mas,
combater mesmo, não, ainda não combatera. A Zâmbia? Não chegara até lá. Estivera perto,
isso sim. Um dia haveria de ir. Os carros? Antes havia muitos que passavam na estrada.
Mas, com as emboscadas, deixaram de passar. Ele ainda era pequeno, já não se lembrava.
Vira um abandonado na estrada entre Muié e Kangombe, destroçado por uma mina, há
30 pouco tempo.

As crianças acabavam por se desinteressar de Ngunga. Afinal era um menino como
eles, não um herói à altura de Mavinga. Iam-se afastando, uma a uma, ou para brincarem
ou para observarem o comandante. E Ngunga ficava só. Encolhia os ombros. Aproximava-
se também do comandante, para o ouvir contar as aventuras, mil vezes ouvidas. Mas
35 Mavinga não se cansava de repetir. Ficava contente, orgulhoso, quando lia admiração nos
olhos dos que o escutavam. E Ngunga notou que a mesma história não era contada da
mesma maneira. De dia para dia, Mavinga aumentava um pouco ou o número de inimigos
mortos ou a dificuldade da operação. Os que iam com ele parecia que não reparavam.

Pepetela, *As Aventuras de Ngunga*, Lisboa, Dom Quixote, 2002, [1972], p. 43-45.

Documento 2

O aeroporto tão diferente do aeroporto das tardes de domingo em que o pai nos
trazia para vermos os aviões, há centenas de pessoas à nossa volta, centenas ou milhares,
não sei, nunca vi tanta gente junta, nunca vi uma confusão tão grande, tantas malas e tantos
caixotes, tanto lixo, lixo, lixo e mais lixo, nesses domingos, o aeroporto era silencioso, o
5 chão tão limpo que até dava pena pisar, era bom vir ao aeroporto, até era bom ouvir o
barulho dos aviões, não havia esta gente toda, este barulho que não pára, parece que a
minha cabeça vai explodir. O jipe desaparece depois da casa da Editinha.

Estou cansado, nunca estive tão cansado, não me quero sentar, não me posso sentar,
quer dizer, se quisesse podia, posso sentar-me no chão, a mãe não se ia importar, desta vez

10 não, desta vez a mãe não ia dizer, isso não são maneiras, já não és nenhum garoto, não ia dizer, estás a sujar as calças, não penses que consigo tirar essas nódoas, a mãe não ia se importar, tantas pessoas sentadas no chão à nossa volta, não estão preocupadas com nódoas nas calças, não se importam de chegar à metrópole com nódoas. As mãos do pai amarradas atrás das costas.

15 A mãe nem sequer dá conta que a minha irmã com o vestido azul clarinho que trouxe, que má ideia trazer um vestido azul clarinho, a mãe nem sequer dá conta que a minha irmã está sentada no chão, encostada à parede, os caracóis louros desmanchados contra a parede, uma rapariga tem de ter ainda mais cuidado do que um rapaz, tem de se comportar de outra maneira, se uma rapariga fica falada ninguém a quer. Vámo matáti cum
20 tuá arma e tuá bala.

Estamos aqui há quase um dia, a mãe está sempre a olhar para a porta do aeroporto mas o pai não chega, não há mais nada a fazer senão esperar, esperar o pai e esperar a nossa vez no avião para a metrópole. A poeira demora a assentar.

Preferia que o tio Zé se fosse embora mas o tio Zé não sai daqui, quer ter a certeza
25 que embarcamos, deve ter medo que voltemos para casa, deve ter medo que os vizinhos pretos queiram vingar-se de nós por pensarem que sabemos do carniceiro do Grafanil, ou que o jipe com os soldados volte para buscar-nos, que voltem para nós, o tio Zé tem razão, quero voltar para casa e esperar lá pelo pai. A balalaica branca do pai ensopada de sangue.

A mãe agarra-se outra vez ao tio Zé, leva-nos para casa, e o tio Zé, não pode ser,
30 mana, tens de apanhar o avião e ir embora com os teus filhos, a mãe não quer compreender o que o tio Zé diz, vai repetindo, leva-nos para casa, ou então, vai buscar o Mário, és amigo daquela gente, fala com eles e traz-me o Mário. O isqueiro Ronson Varaflame caído ao pé do canteiro.

O tio Zé tenta sossegar-nos, tenta sossegar a mãe, diz que o Nhé Nhé foi tratar de
35 tudo, os pretos vão perceber que estavam enganados e vão libertar o pai, os pretos são justos, às vezes enganam-se mas os enganos podem ser corrigidos, o tio Zé diz que podemos ficar descansados. A mãe de braços caídos no fim da rua.

Dulce Maria Cardoso, *O Retorno*, Lisboa, Tinta da China, 2012, p. 59-61.

Documento 3

– Ninguém no Brasil sabe nada de índio, Ipavu, a gente pode dizer o que quiser e o lugar da tua tribo é muito jeitoso, com aquele lagoão, longe, lá no centro do Brasil, de forma que durante a longa viagem a Expedição Montaigne vai levantando, armando os índios. Quando a gente chegar à lagoa Ipavu e você, Ipavu, for recebido, entre choro e
5 ranger de dentes, pelos camaiurá e outros povos xinguanos, a gente terá arregimentado o bando formidável dos que hão de cercar, com sebes de flechas, as cidades. Quando ocorrer tua aparição e epifania de príncipe já se alastrou pelo país o levante dos míseros e...

Mas aí Ipavu já estava em outra, que era a dele.

– A gente pode ir nos camaiurá rapidinho – perguntou Ipavu – e sair logo depois,
10 quer dizer, chegando lá depressa, de avião, pra voar de volta dia seguinte, feito quem visita parente chato e não quer nem sentar pra tomar café com beiju? Pode, Vicentino? Tem campo de pouso, no Tuatuari, desde o meu tempo, e agora pode até descer avião bem crescido, avião-real, de penacho, onde cabe muita bagagem, muito trem, gente saindo pelo ladrão, foi o que me falaram.

15 Por pouco Ipavu não revelou o plano dele de chegar de noitinha aos camaiurá pra seqüestrar Uiruçu, tirar o cutucurim da gaiola e voltar correndo ao avião, correndo ou até, quem sabe, carregado por Uiruçu em vôo raso debaixo das árvores, como se ele, Ipavu, fosse caça e Uiruçu um amoroso caçador levando vivo pra casa um macaco, uma oncinha, o que não era assim tão difícil de imaginar, já que, magro como ele estava, podia afinal ser
20 carregado por debaixo das árvores por um gaviaozão daqueles, que pegava até macaco já grande, pai de família.

– Ir lá pros camaiurá sem escalas não dá – disse o Beirão animado, vendo nos olhos de Ipavu uma vontade, que interpretou como desejo de ida, ou volta, à casa paterna, sem reparar no reflexo, nos olhos dele, dos olhos de Uiruçu –, mas podemos, como dizem os
25 franceses, *brûler des étapes*, encurtar caminho, pegar uns atalhos, indo de jipe, de barco, de lombo de burro, portanto devagar, mas sempre, Ipavu, sempre.

Antônio Callado, *A Expedição Montaigne*,
Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982, p. 31-32.